



BIOÉTICA – A ÉTICA DA VIDA, DE ANTONIO BENTO BETIOLI

Larissa Donatelli*

A obra, como o próprio autor resume, visa tratar o renascimento da ética do ponto de vista das preocupações que afligem a vida humana atualmente. Perante os avanços da ciência, da tecnologia e da medicina, o homem vem se colocando ora no papel de Deus, ora no de Dr. Frankenstein, brincando de criar e recriar a vida sem plena consciência dos resultados morais e físicos que isso de fato pode acarretar ao ser humano.

Betioli analisa a vida em seus dois princípios básicos: o início e o fim, a partir da reflexão de questões polêmicas como aborto e eutanásia. Inicialmente são discutidos os princípios morais e conceituais da bioética, considerando-se que todos os seres humanos, independentemente da sociedade na qual tenham nascido, possuem códigos genéticos intrínsecos à sua própria natureza, como o de não matar, por exemplo. Todavia, é por meio da cultura que o homem adquire costumes, educação e normas, o que nos leva à questão: até que ponto a herança cultural é capaz de dinamizar ou alterar a herança biológica dos humanos? Podemos afirmar que Aristóteles, em *Ética a Nicômaco* (2012), de maneira simplificada, acreditava que o ser humano já possuía uma predisposição moral que norteava o seu comportamento ético. De acordo com Betioli, esse pensamento se estende até hoje e pode ser percebido com mais notoriedade perante o que ele chama de "conduta em face da consciência do agente", ou seja, a sociedade estabelece um determinado conjunto de regras que devem ser seguidas, a fim de formar o ser humano "perfeito".

Em breve analogia, tal ser perfeito seria o que Michael Foucault (2004, p. 312-313), em *Nascimento da biopolítica* chama de capital humano. Para ele, elementos éticos e morais são herdados e moldados de acordo com os princípios e objetivos de determinado grupo e escondem um grande número de problemas e preocupações não discutidos. O avanço da tecnologia e da ciência evidenciou ainda mais a questão: todos nós recebemos bagagens genéticas e, à medida que a medicina avança, torna-se mais fácil "prever" as probabilidades de doenças, mutações etc. Portanto, não podemos negar que tais avanços também colocam em risco a existência da população humana, pois se tende a produzir em laboratório seres cada vez mais próximos da perfeição genética.

* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). E-mail: larissa.donatelli11@gmail.com

Em seguida, há o pensamento filosófico e conceitual do que seria o ser humano propriamente dito. Podemos nos autoanalisar dos pontos de vista metafísico, moral, teológico etc., por isso já fomos denominados animais racionais, seres possuidores de almas intelectivas, seres abstratos. Apenas com Descartes (filósofo que se tornou conhecido durante a Idade Moderna por seus pensamentos revolucionários nos campos da ciência e da matemática) o conceito filosófico de ser humano adquiriu uma perspectiva mais próxima da que temos hoje – um sujeito autônomo.

A ideia de sujeito autônomo esbarra em uma questão polêmica: se somos seres inteligentes e livres em nossas potencialidades, por que não temos total autonomia sobre nosso corpo, sem que questões teológicas se manifestem de maneira tão presente? Isso nos leva à indagação: "Quando começa a vida?". No momento em que há o encontro de células germinativas que formam o embrião? Será que a vida humana já se inicia neste momento, isto é, já há um ser humano com direitos e vontades próprias? Ambas as questões são respondidas de formas diferentes pelo direito, pela filosofia, pela teologia e pelo Estado, o que leva a opiniões divergentes sobre a questão do aborto, tais como: a vida é um dom dado por Deus e somente Ele tem o direito de tirá-la; ou atentar contra a vida de outro ser é uma ofensa à justiça.

Dos pontos de vista teológico, moral e ético, qualquer meio de interrupção da vida é considerado crime, salvo exceções em que a gestação representa algum tipo de risco à vida da mulher. Porém, o que deve ser levado em consideração e discutido no caso do aborto, independentemente da opinião de cada um, é a questão dos limites do poder do Estado sobre nossos corpos e decisões particulares. A questão da proibição e condenação do aborto nas formas da lei advém de princípios machistas existentes desde a Grécia e a Roma antigas, quando se acreditava que o sexo era algo proibido e sujo, sobretudo para as mulheres. Portanto, se ela "pecou", deve pagar pelo seu erro. Entretanto, os argumentos favoráveis à legalização do aborto referem-se ao fato de muitas mulheres procurarem soluções alternativas, como clínicas clandestinas, que resultam muitas vezes em morte ou deixam sequelas em seus corpos.

Se o início da vida é algo tão polêmico e discutido, o final dela não poderia ser diferente: todos os métodos de eutanásia, assim como o aborto, são condenados mediante os princípios religiosos e morais, sob o pretexto de que somente Deus tem autonomia de fazê-lo. Contudo, para Foucault (2004, p. 105), o cerne da questão está na estatização, ou seja, tais argumentos apenas encobrem os mecanismos controladores do Estado sobre nossas próprias decisões.

Foucault (2004, p. 107) considera que, embora o Estado passe uma imagem de autonomia, está longe de sê-lo, pois é produto resultante de inúmeras transações que modificam e subvertem as relações de poder e formas de controle das autoridades para beneficiar fontes de financiamento. Ainda em relação às questões relativas à vida, é comum esbarrar no tema clonagem ao se falar em reprodução humana assistida. Do ponto de vista científico, a inse-

minação artificial e a fertilização *in vitro* basicamente visam resolver problemas de infertilidade, mas o que vem sendo discutido é que tais métodos resolvem o problema no âmbito biológico apenas e não no social, tampouco no ético.

O que se deve considerar é que o tema (re)criação da vida, embora tenha ganhado uma visibilidade muito maior nos dias atuais, não surgiu agora. No século XIX, a autora inglesa Mary Shelley produziu um romance bastante visionário e considerado chocante para a época. *Frankenstein* aborda os mitos que envolvem a criação da vida humana em laboratório a partir de outros seres humanos, por meio da narrativa de seu protagonista, o médico suíço Victor Frankenstein.

Por fim, o que vale é a reflexão maior: até que ponto detemos o poder e o controle da vida? Embora questões éticas e legais sejam cruciais nesse tipo de procedimentos, o que deveria prevalecer é o direito ao princípio da igualdade, que deveria ser o principal fundamento a reger as normas culturais humanas. Vale ressaltar que cabe ao Estado assegurar o princípio da qualidade ética e profissional de tais procedimentos, e ao ser humano decidir quem ou quando seus corpos poderão ser manipulados.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Martin Claret, 2012.

BETIOLI, A. B. *Bioética: a ética da vida*. São Paulo: LTr, 2013.

FOUCAULT, M. *Nascimento da biopolítica*. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SHELLEY, M. *Frankenstein ou Prometeu moderno*. São Paulo: Ática, 2006.